

JOSÉ RODRIGUES ISABEL SARAIVA

Janeiro a
Abril 2014

CORACÃO PORTO

SALA DE EXPOSIÇÕES
TEMPORÁRIAS DA
REITORIA DA U. PORTO

_Praça Gomes Teixeira
(aos Leões)

_Aberta de segunda a sexta
das 10h00 às 17h00
sábado por marcação

Informações e marcação
de visitas guiadas
cdl@reit.up.pt

ENTRADA LIVRE

PARCERIA

U. PORTO

MEDIA PARTNER

TVU.

Universidade do Porto
www.up.pt

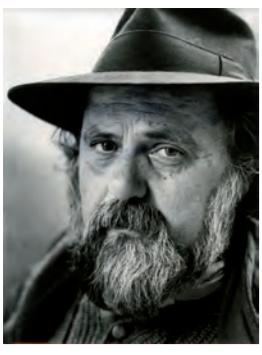
PATROCÍNIO

CA

Crédito Agrícola

FABRICA SOCIAL
FUNDAÇÃO JOSÉ RODRIGUES

pportodosmuseus.pt



JOSÉ RODRIGUES

Nasceu em Luanda em 1936. Formado em Escultura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Fundador e Presidente da Assembleia Geral da Cooperativa Árvore, Porto. Condecorado, em 1994, com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Já executou mais de 100 medalhas para diversas entidades. Encenou várias peças de teatro em Portugal e no estrangeiro. Colabora com poetas e escritores na ilustração de livros. Tem realizado vários monumentos e esculturas em Portugal e no estrangeiro: Paços de Ferreira, Arcos de Valdevez, Paredes de Coura, Macau, New Bedford, Porto, Viana do Castelo, Vila do Conde. Expõe individualmente desde 1964. Participa, desde 1973, em várias exposições **coletivas** em Portugal e no estrangeiro nomeadamente em S. Paulo, Viena, Madrid, Veneza, Budapeste, Washington, Índia, Porto, Lisboa, Bremen, Düsseldorf, Kassel, Caminha, Luxemburgo.

PRÉMIOS
1972 - Prémio Amadeo Souza-Cardoso; Prémio da Imprensa pelo melhor espaço cénico realizado em Lisboa.
1980 - Prémio de Escultura da Bienal de Vila Nova de Cerveira.
1990 - Prémio Sactip "Artista do Ano".
1994 - Prémio "Tendências de Arte Contemporânea em Portugal" atribuído pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.
Está representado em várias **coleções** particulares e museus, no país e no estrangeiro.



ISABEL SARAIVA

Natural do Porto. Licenciou-se em 1971 em Artes Plásticas na Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Exerce docência no ensino público. Desde então tem exposto, individual e **coletivamente** em Portugal como em várias salas no estrangeiro, nomeadamente em Nova York, Barcelona, Seul, México, Paris, Toulouse, Bruxelas, Zedane e Palermo. Em Portugal expôs Expo 98, Museu da Água; Centro Cultural de Belém; Câmara Municipal de Matosinhos; Orfeão de Matosinhos; Casa da Cultura V. N. de Famalicão; Fundação Cupertino de Miranda; Museu Nogueira da Silva; Museu Santa Joana - Aveiro; Galeria Municipal de Arte de Barcelos; Museu de Transportes e Comunicações. Está representada por aquisição em várias **coleções** particulares e museus: Galeria Fort - Cadaquès - Barcelona; Museu Copy Art da Universidade Cuenca - Espanha; Câmara Municipal de Matosinhos; Orfeão de Matosinhos; Casa da Cultura V. N. de Famalicão; Fundação Cupertino de Miranda; Museu Nogueira da Silva; Museu Santa Joana - Aveiro; Galeria Municipal de Arte de Barcelos; Museu de Transportes e Comunicações. É sócia honorária da Associação Siciliana de Letras e Artes de Palermo, desde 1997.

PRÉMIOS
1985 - "Prémio Ayuntamiento" - VI Mostra de Arte do Baixo Miño-Tui.
1986 - "Mencão Especial" - 10.º Convegno Internacional Arte e Poesia - Asla-Palermo.
1986 - "Medalha de Mérito" - 19.ª Mostra Internacional d'Arte - Asla-Palermo.
1992 - III Prémio no IV Certamen de Artes Plásticas - Tui.
Coletivamente está representada em: Fondation Collinore-François; Galeria Fort-Cadaquès-Barcelona; Coleção Pr6-Museu Mini Print-Barcelona; Museu Internacional Copy Art da Universidade de Cuenca-Espanha.
Em 1997 participa como artista convidada na decoração de uma ala remodelada do Hospital Amadora-Sintra - Lisboa com uma coleção de 70 obras

NO CORAÇÃO DO PORTO

Janeiro a Abril 2014

SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DA REITORIA DA U. PORTO Praça Gomes Teixeira (aos Leões)

Aberta de segunda a sexta das 10h00 às 17h00

Sábado por marcação. Informações e marcação de visitas guiadas: cdl@reit.up.pt

ENTRADA LIVRE

PARCERIA



MEDIA PARTNER



portodosmuseus.pt

PATROCÍNIO



Crédito Agrícola

design: Humberto Nelson
Produção: Atelier Paggella



JOSE RODRIGUES

1 | 5 | **Titulo**, 1988
Desenho s/ papel colado em tela
108 x 108 cm

2 | 5 | **Titulo**, 1988
Desenho s/ papel colado em tela
151 x 108 cm

3 | 5 | **Titulo**, 1988
Desenho s/ papel colado em tela
165 x 108 cm

4 | 5 | **Titulo**, 1988
Desenho s/ papel colado em tela
109,5 x 147 cm

5 | **No coração do Porto**, 2013
Anjo em ferro sob fotografia do Porto
220 x 140 cm



ISABEL SARAIVA

1 | **Pilar de água**, 2013
Óleo s/ tela
0,16 x 0,22 mts

2 | **Pilar de água**, 2013
Óleo s/ tela
0,16 x 0,22 mts

3 | **Pilar de água**, 2013
Óleo s/ tela
0,16 x 0,22 mts

4 | **Pilar de água**, 2013
Óleo s/ tela
0,16 x 0,22 mts

5 | **Surpresa: da água brotaram todas as coisas - brotaste**, 2013
Óleo s/ tela
1,00 x 0,70 mts

6 | **Arco de ponte II**, 2013
Óleo s/ tela
0,50 x 0,50 mts

7 | **O Coração: o teu, recebe purificação** da 13013
Técnica Mista
1,30 x 2,00 mts

JOSÉ RODRIGUES ISABEL SARAIVA

Janeiro a Abril 2014

NO CORAÇÃO DO PORTO

NO CORAÇÃO DO PORTO José Rodrigues mais Isabel Saraiva

LÚISA MALATO

Abençoado sejas tu, que entraste para ver. Ver é outra forma de viver por perto. Perto das coisas de que tu fazes parte e que suspeitas amar. Porque perto da vista se quer tudo o que está perto do coração.

Há um coração enorme à entrada. Vens porque sabes já que és uma aurícula, um átrio desse coração. Todo o sangue, a todo o momento, circula em ti vindo lá de fora. Os ruídos passam pelas vielas cavas da cidade. O sangue que recebes vem carregado de tudo o que existe lá fora: tem lá dentro a sardineira que resiste ainda numa janela sem sol, a mulher grávida que acaricia o ventre enquanto tem uma conversa de café, as estrelas amarelas dos plátanos da Cordoaria que fazes voltar com os pés, e uma gaiovata que se baloiça num semáforo da praça-mar. O sangue faz circular frases de gente com que te cruzas, gente a que és indiferente ainda que te deixem versos de poetas anónimos: *...perdoa-me, deixa-me desfolhar a tua mão fechada... engoli a aliança, para ninguém ficar com ela... eu que ficava de manhã a ouvi-lo falar, eu que de noite suspendia a respiração só para o ouvir respirar...* temos de aproveitar o sol... pelas ruas da amargura... não gostam de pessoas estranhas, é? Sente agora em ti a força do ventrículo que faz circular o sangue através de um músculo oco. Sente a repetida sístole. Uma criança, numa loja pergunta à mãe porque não podem entrar as pessoas estranhas ao serviço, duas mulheres trocam confidências em voz alta e um rapaz fala ao telemóvel. Agradece-lhes, agradece a quem te deixou poemas por completar, ainda que o teu rosto não traia a indiferença... Que seria de ti se eles te não alertassem para a grandeza das coisas pequenas? Há tantos sentidos nas coisas e nas palavras que a arte só pode ser uma depuração desse terrível excesso que não nos permite ler a vida. Uma linha do horizonte divide a maior parte dos quadros de Isabel Saraiva: lê a água como se fosse uma abóbada, lê as ondas do mar como se fossem as nuvens do céu. Da água nascem todas as coisas e por isso o dourado que vês da torre tem todas as cores: amarelos, vermelhos, azuis, cinzentos, verdes, castanhos, aqui e ali o preto e o branco, sobrecarga e ausência da cor. É mais fácil depois perceber as cores do céu, mais difusas. A pintora, não podendo colocar todas as cores da água, decompô-las, soletrou-as. O pincel vê de uma forma mais limpa. O rio fica reduzido às correntes das cerdas que abrimos em leque presas pela virola. Do pincel aberto saem separados arcos, pontes e estradas de luz. No coração da cidade, aprenderás a ver e a falar. Lê as linhas verticais dos quadros. De baixo para cima: elevas o olhar e a palavra sai-te luminosa, ilustrativa, dirias. O ovo deve ler-se como o sítio a que desejamos voltar: lendo-o de baixo para cima, a infância é a meta para onde elevamos os olhos e a idade adulta é aquela de que partimos: somos construtores de pontes que desejam voltar a ser o príncipezinho que desenhava a jiboia que engoliu um elefante. Experimenta ler também de cima para baixo, e reentra no lençol de água como se fosses o ribeiro de uma cascata sanjoanina a descer os degraus da Torre dos Clérigos. Diástole: abandona-te.

Proteger-te-á um anjo, tão palpável quanto o vento que circula nos teus pulmões. Atenta ao que existe sem forma definida. O mundo em que entras agora é de combustão lenta. Já não é água e céu, mas terra e fogo. As cores quase desapareceram: ficaram todavia as linhas. Por isso agora podes ver ainda melhor um anjo em ferro sobre a cidade: lê na simplicidade das linhas o teu mapa, e repara no percurso ondulante inscrito a vermelho. As formas cheias de uma mulher grávida fazem-na leve: a anja mal poisa os pés nas casas à beira-rio e no entanto entra nelas e percorre-as. O pé suspenso do homem de costas incendeia o quadro como uma labareda. O sangue arterial circula agora em ti, recebe-o, aurícula, e expande-o, ventrículo. Deves aprender o seu percurso de cor, percorrê-lo de coração, *by heart, par coeur*, que é como se percorrem melhor as coisas: falhar-te-á então a memória das coisas que o coração não acha importante e por isso te enganará fatalmente no caminho que foi dos outros. Assim farás o teu caminho: sozinho, mas tendo na memória as sombras que te acompanham. Nova sístole: demora-te. Nova diástole: desprende-te. Percorre com este ritmo as artérias da cidade. Os desenhos sobre papel colados em tela são mitificações das coisas que já antes conhecias e pensavas até então irrepitíveis. Não têm título, a maior parte deles, porque se o tivessem logo seriam tentado a ver neles o retrato do pintor, o de um evangelista, ou o de um velho que viste ontem majestoso pedir esmola à porta da Igreja do Carmo. Todos se repetem, todos se confundem. De quem é a máscara que identifica os mensageiros que te traziam fragmentos de poemas? Revês agora sob outras formas as pessoas com que te cruzaste por acaso na praça: mulheres e homens expostos, que percorrem o corpo até nele acharem magma, terra que guarde fogo. Demora-te nos olhos, ora fechados ora distantes. As folhas e flores confundem-se com a juventude de uma mulher. Os velhos falam-te de um olhar antigo mas acróico. Os pregos rodeiam um Cristo incólume que olha para baixo, e os braços estendidos de Cristo são os de uma gaiovata que paira sobre as ruas da amargura. A sombra do amor não correspondido deixou de ser a de duas mulheres revoltadas para tomar a forma de Salomé, vénus sem braços, cujo corpo rolou a ouvi-lo falar, que fez rolar a cabeça de São João Baptista: *eu que ficava de manhã a ouvi-lo falar, eu que de noite suspendia a respiração só para o ouvir respirar...* A Senhora do Ó tem o ventre polido por tanta carícia: lembra-te então da mulher que viste sentada no café. Uma mão poisa desfolhada no braço, grande, misericordiosa e plácida. Repara como as linhas surgem limpidas, como se José Rodrigues soubesse já onde elas estavam no papel e se limitasse a passar-lhes um traço por cima. O trilho é preciso, mesmo quando o emaranhado das linhas vai desenhando a complicada textura das nossas asas, das nossas labaredas, das nossas rugas...

Não partas sem decorar as linhas puras, inscritas a vermelho no coração da cidade. Sabe-as de cor, de coração, para depois errares pela cidade. O essencial é visível para os teus olhos, diz o anjo. Erra para te achares.

